

A máquina de Kafka: o não do pai

Helano Ribeiro¹

Thalyta Bruna Costa do Lago²

Resumo: Contrariamente ao que se possa supor, a concepção de *literatura menor*, tal como nos é apresentada por Deleuze & Guattari (2013), não contempla uma forma literária de menos prestígio. *Menor* é a literatura que emerge com força de potência capaz de abalar as estruturas de um modelo literário imposto como maior. Nesse sentido, atribuir a Kafka uma leitura que perpassasse essa perspectiva é reconhecer o carácter de desterritorialização de seus feitos. A relação do autor com a língua é uma forma interessante de ilustrar isso: na impossibilidade de escrever em outra língua que não fosse o alemão, conforme posto aos judeus de Praga, o que resulta é uma língua desterritorializada, tão política quanto o modelo literário que essa produz. Além do mais, as personagens que transitam pelo universo kafkiano nos dão pistas do compromisso com o social, tão presente no que é literário e *menor*, seja pela denúncia ao excesso de burocracia que pune cidadãos comuns, seja pela figura paterna constantemente representada como autoritária. Nessa continuidade, há ainda a menção à relação conflituosa que o autor manteve com seu pai, a qual lhe rendeu uma carta, publicada no ano de 1919, sob o título *Brief an den Vater* [Carta ao pai], e cujo intuito era tornar o pai ciente do peso negativo de suas ações sobre a vida dos filhos. Essa obra norteará nosso trabalho, enquanto objeto de análise, sobretudo porque a partir dela podemos enxergar a transição do autor de Édipo neurótico a Édipo perverso, em consonância com as contribuições de Lacan, além da riqueza de elementos contida nela, que nos permite desenvolver sobre a homofonia entre o *Nom du Père/Non du Père*, a representação do “não” do pai foucaultiano.

Palavras-chave: literatura menor; não do pai; nome-do-pai.

Résumé: Contrairement à ce qu'on pourrait supposer, la conception de *littérature mineure*, que nous est présentée par Deleuze & Guattari (2013), ne comporte pas une littérature moins prestigieuse. *Mineure* signifie que cette littérature émerge avec une puissance capable d'ébranler les structures d'un modèle littéraire imposé comme majeur. Ainsi, attribuer à Kafka une lecture qui traverse cette perspective c'est reconnaître le caractère de déterritorialisation de ses faits. La relation de l'auteur avec la langue est une manière intéressante d'illustrer ce caractère : avec l'impossibilité d'écrire en n'importe quelle langue que l'allemand, selon ce qui était imposé aux juifs de Prague, le résultat est une langue déterritorialisée aussi politique que le modèle littéraire qu'elle produit. En plus, les personnages qui circulent dans l'univers kafkaïen nous donnent des pistes à propos de l'engagement social qui est si présent dans ce qui est littéraire et *mineur*, soit par l'exposition de la bureaucratie excessive qui punit les citoyens ordinaires, soit par la figure paternelle constamment représentée comme autoritaire. Il y a encore la mention à la relation conflictuelle que l'auteur a eu avec son père, ce qui l'a provoqué à écrire une lettre, publiée dans l'année 1919, sous le titre de *Brief an den Vater* [Lettre au père], dont le but était de sensibiliser le père à propos du pois négatif de ses actions sur la vie

¹ Professor Adjunto na Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. hjribeiro@gmail.com

² Mestranda em Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas. thalyta.lago@hotmail.com - Bolsista CAPES

de ses fils. Ce livre guidera ce travail ainsi qu'objet d'analyse, surtout parce qu'il nous permet de voir la transition de l'auteur d'Œdipe névrotique à Œdipe pervers, en référence aux contributions de Lacan, en plus de la richesse des éléments qu'il contient, ce qui nous permet de développer à propos de l'homophonie entre le *Nom du Père/Non du Père*, la représentation du «non» du père de Michel Foucault.

Mots-clés: littérature mineure; Non-du-père.

A linha de fuga

No exercício de versar sobre o que está marcado na ordem da experiência, mas que não pode ser colocado em toda a sua totalidade no nível da linguagem, Herta Müller, escritora alemã, estabelece sua *Pantomima da linguagem*. Para a autora, “escrever é um diálogo com os objetos reais da vida” (MÜLLER, 2012, p. 133). Nesse sentido, a *pantomima* atravessa suas produções e lhe oferece respaldo para atribuir autonomia à palavra:

As palavras inventadas tomam ar, não sabemos o que elas permitem, as testamos. Elas pegam aquilo de que precisam. E rejeitam o que não permitem. Nada lhes é indiferente. Palavras têm o ouvido apurado, sua percepção as torna inteligentes. Mais inteligentes do que tudo o que preparamos na conversa com os objetos reais. Elas precisam do jogo de alternância e aproveitam a ligação ao real para se soltar. Na conversa com objetos reais, seu conteúdo cotidiano é incitado contra nós mesmos. A normalidade se irrita, é tirada do sério. No caminho para a escalação linguística, o normal se desprende. E quando se sedimenta de novo, é preciso obedecer à vontade do surreal. (MÜLLER, 2012, p. 134)

É possível adotarmos como bom exemplo desse ímpeto criativo, a partir do qual novos vocábulos ganham liberdade para se materializar, sedimentados no surreal, a palavra *Atemschaukel* [balanço para respirar]. O termo responsável por dar título a um dos livros de Müller não dispõe de um verbete que o caracterize, no dicionário. Isso porque a significação lhe é atribuída através de uma *pantomima*, um diálogo com os objetos reais da vida, no momento em que a autora se questiona a respeito de sermos ou não seres capazes de conversar com a morte: “No balanço para respirar, se embala aquilo que tiver que aprender com o desaparecimento de Oskar Pastior: não dá para conversar com a morte. Mas é preciso fazê-lo, com a perda.” (MÜLLER, 2012, p. 143).

Além disso, percebermos o impacto que movimentos como a *pantomima da linguagem* causa à língua em que é produzida nos é muito caro, no presente trabalho.

Na escrita como *linha de fuga*, a autora se vale de uma língua tida como *língua maior*, o alemão, e lança sobre ela elementos que são capazes de abalar suas estruturas, gerando o que virá a ser percebido como *uma literatura menor*.

Para ampliarmos nossa percepção com respeito a literatura situada como menor, e desvendarmos seus processos, cabe-nos lançar luz sobre os feitos do autor, quem nos oferece generosas contribuições a respeito: Franz Kafka.

Máquina de expressão: uma literatura menor

Assim como em Herta Müller, o universo criado por Kafka eleva a literatura a um patamar que não pode ser concebido na literatura dos mestres, sobretudo por se tratar de um modelo literário que ameaça a estabilidade desse. O *menor* que caracteriza a literatura kafkiana não carrega a conotação de diminuí-la, em vez disso, trabalha para desterritorializá-la, e o faz atrelado a diferentes aspectos, sendo o principal: a língua.

Pelas palavras de Deleuze e Guattari (2003), “uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, a uma língua que uma minoria constrói numa língua maior.” (p. 38). Para algumas minorias, a única forma de fala e expressão, dentro de um contexto macro, é a partir da língua majoritária, em detrimento da língua materna. Entretanto, a forma como esse uso linguístico ocorrerá não passará ilesa pelas influências da língua minoritária, pelo contrário, esse será um passo em direção à desterritorialização.

E a primeira característica é que a língua, de qualquer modo, é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização. Kafka, nesse sentido, define o impasse que impede o acesso à escrita aos judeus de Praga e faz da literatura algo de impossível impossibilidade de não escrever, impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outra maneira. Impossibilidade de não escrever porque a consciência nacional, incerta ou oprimida, passa necessariamente pela literatura (“A batalha literária adquire uma justificação real na maior escala possível”). A impossibilidade de escrever de outra maneira senão em alemão é, para os judeus de Praga, o sentimento de uma distância irreduzível em relação à territorialidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2003 p. 38)

Em Kafka, tal movimento pode ser notado no uso do alemão que o autor faz, enquanto língua de escrita, especialmente pelas peculiaridades que o alemão falado

em Praga comporta. Trata-se de um modelo que opõe a língua a qualquer utilização simbólica ou significante, o que lhe assegura o caráter revolucionário.

Outra característica importante de uma *literatura menor*, conforme Deleuze e Guatarri (2003), é o fato de que tudo nela é político. Enquanto nas “grandes” literaturas questões tocantes ao individual se sobressaem, aqui seguimos em direção oposta:

A literatura menor é completamente diferente: o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam imediatamente ligadas à política. A questão individual, ampliada ao microscópio, torna-se muito mais necessária, indispensável, porque uma outra história se agita no seu interior. É neste sentido que o triângulo familiar se conecta com outros triângulos, comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos, que lhes determinam os valores. (DELEUZE; GUATTARI, 2003 p. 98)

A exemplo disso, podemos lançar luz sobre os sujeitos que são representados por Kafka. Algumas figuras transitam pelo universo kafkiano sinalizando o pano de fundo de questões sociais, dos quais são elementos críticos. Nesse sentido, quando Benjamin (1994) afirma que “a beleza só aparece no mundo de Kafka nos lugares mais obscuros: entre os acusados, por exemplo.” (p. 141), fica fácil compreender a preferência do autor por temas como a denúncia ao excesso de burocracia, como em *A metamorfose* (1915) e *O processo* (1925), e o autoritarismo paterno, trazido com maior ênfase em *Brief an den Vater [Carta ao pai]* (1952). Em relação à forma de representação paterna em Kafka, essa se situa na linha tênue entre *não do pai* e *nome-do-pai*, entre a perda de representação heróica e instauração da Lei simbólica.

Brief an den Vater: non du Père

Por vezes, quando representado na obra kafkiana, a figura do Pai é atrelada ao comportamento impiedoso e autoritário, e a recorrência desses traços não deixa de receber influência da vida pessoal do autor, visto que o desafeto com o pai lhe acompanhou durante longos anos. Nessa continuidade, Benjamin (1994) nos diz que:

[...] O pai é a figura que pune. A culpa o atrai, como atrai os funcionários da Justiça. Há muitos indícios de que o mundo dos funcionários e o mundo dos pais são idênticos para Kafka. Essa semelhança não os honra. Ela é feita de estupidez, degradação e

imundície. O uniforme do pai é cheio de nódoas, sua roupa de baixo é suja. A imundície é o elemento vital do funcionário. (BENJAMIN, 1994, p. 139)

Quando publica no ano de 1919 a primeira edição de *Brief an den Vater*, A carta ao Pai, Kafka lança luz sobre uma figura paterna em tudo condizente com as percepções de Benjamin. A carta não se trata de uma tentativa de estreitar os laços ou findar conflitos entre os dois, mas sim de expor ao pai as feridas abertas, pelas quais ele é responsabilizado:

*Liebster Vater,
Du hast mich letzthin einmal gefragt, warum ich behauptete, ich hätte Furcht vor Dir. Ich wußte Dir, wie gewöhnlich, nichts zu antworten, zum Teil eben aus der Furcht, die ich vor Dir habe, zum Teil deshalb, weil zur Begründung dieser Furcht zu viele Einzelheiten gehören, als daß ich sie im Reden halbwegs zusammenhalten könnte. Und wenn ich hier versuche, Dir schriftlich zu antworten, só wird es doch nur sehr unvollständig sein, weil auch im Schreiben die Furcht und ihre Folgen mich Dir gegenüber behindern und weil die Größe des Stoffs über mein Gedächtnis und meinen Verstand weit hinausgeht. (KAFKA, 2005 , p. 2)³*

Interessa-nos além da queixa, a forma escolhida pelo autor para expressá-la: a literatura, isto porque, para a teoria foucaultiana, a literatura é o palco dos conflitos que acompanham o processo de instauração da subjetividade. A crítica que Foucault tece acerca da teoria lacaniana se fundamenta na noção de que, em Lacan, o processo de inserção do indivíduo na linguagem é mediado por uma figura masculina, o pai.

Em resposta, o filósofo propõe um modelo de resignificação desse simbolismo, o qual se articula do seguinte modo: é comum que, durante parte da infância, o sujeito enxergue o pai como uma figura heroica e essa ocorrência, a própria figura heroica, possui justificativas na literatura. Superados os anos iniciais de vida, o sujeito se desenvolve, de modo a desenvolver sua própria dinâmica, a qual não necessariamente pode vir a se assemelhar com a do pai. No momento em que ocorre o choque, e possível

³ Querido pai,

Tu me perguntaste recentemente por que afirmo ter medo de ti. Eu não soube, como de costume, o que te responder, em parte justamente pelo medo que tenho de ti, em parte porque existem tantos detalhes na justificativa desse medo, que eu não poderia reuni-los no ato de falar de modo mais ou menos coerente. E se procuro responder-te aqui por escrito, não deixará de ser de modo incompleto, porque também no ato de escrever o medo e suas consequências me atrapalham diante de ti e porque a grandeza do tema ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento. [Tradução de Marcelo Backes]

rompimento, entre a dinâmica do indivíduo e a de seu pai, ele passa a ser confrontado na literatura pela reivindicação do que outrora fora heroico, mas que assume outra forma, instaura-se nesse instante o *não do pai*:

A linguagem então tomou uma estatura soberana: ela surge como vinda de alhures, de lá onde ninguém fala; mas só existe obra, se remontando seu próprio discurso, ela fala na direção dessa ausência. Nesse sentido, toda obra é empreendimento de exaustão da linguagem; a escatologia tornou-se em nossa época uma estrutura de experiência literária; esta, por direito de nascença, é última. (FOUCAULT, 2006, p.200)

Ainda em Foucault (2006):

E, no recuo definitivo dos confins, a vigilância dos deuses trama desde avançar, os olhos abertos sobre essa praia deserta na qual se erguem para o parricida lingüeiro, afrontadas porém fraternais, A linguagem e a Lei. A linguagem, em um sentido, é o lugar da falha: é proclamando os deuses que Empédocle os profana, e lança no coração das coisas a flecha de sua ausência. À linguagem de Empédocle opõe-se a resistência do inimigo fraterno; seu papel é fundar, no intermediário do limite, o alicerce da Lei que liga o entendimento à necessidade e prescreve à determinação a estrela do destino. Esta positividade não é a do esquecimento; no último esboço, ela reaparece sob os traços de Manês, como poder absoluto de interrogação. (FOUCAULT, 2006, p. 198)

Desse modo, não nos causa estranheza a maneira encontrada por Kafka para expor ao pai seus desamores, sobretudo por se tratar de uma carta escrita pouco tempo antes de sua morte, apenas cinco anos antes. É o que nos permite inferir acerca da instauração do *non du Père* por conflitos que ao escritor foram irremediáveis.

O-nome do pai: do Édipo neurótico ao Édipo perverso

De acordo com a teoria da psicanálise, o *Complexo de Édipo* corresponde ao “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais” (RODRIGUES DE SOUZA, 2006, p. 135) e cujo ápice estaria previsto para o hiato entre os três e cinco anos de idade, durante a *fase fálica*. Nesse sentido, entende-se que é a partir do *complexo de Édipo* que a estrutura da psique humana se forma. Ao desenvolver sua teoria clínica, ao longo da década de 1950, Lacan integra à teoria do Édipo freudiano, e à sua metáfora paterna, a dialética *Desejo-lei*:

[Lacan] critica Freud por sugerir um Édipo responsável pela invasão do materno e do pulsional na constituição do sujeito. Aponta para o complexo parental, propondo a substituição das teorias dos mitos por uma teoria de base antropológica apoiada em Lévi Strauss. Considera o Nome-do-Pai suporte da função simbólica que, desde a aurora dos tempos históricos, identifica sua pessoa à figura da lei. (CAMPOS, 200-, p. 1)

Ainda em Campos (200-), é importante termos ciência de que Lacan adota como base para suas reflexões a distinção entre *simbólico*, *imaginário* e *real* com o intuito de “situar diferenças funcionais, variáveis intervenientes da triangulação: *mãe-falo-criança*, *mãe-filho-pai*.” (p.1). De forma concisa, o *simbólico* diz respeito ao sentido mais amplo da linguagem, a forma que a empregamos para nomear o mundo. O *Imaginário* corresponde às projeções que fazemos não somente sobre nós mesmos, como também sobre os demais indivíduos. Ao passo que o *real* se trata do que já não cabe no *imaginário* e que nem é possível de ser simbolizado e, por isso, não pode ser acessado em toda sua totalidade. Dentre os três elementos dispostos, a teoria é norteadada, em maior grau, pelo *simbólico*. Nessa continuidade, o que compete ao *Nome-do-pai* é exercer a força de lei simbólica, que representa a passagem do *imaginário* para o *simbólico*, isto é, retira o sujeito da triangulação *mãe-falo-criança* e o situa na *mãe-filho-pai*:

Seu critério fundamental é a ausência ou a presença do significante do *Nome-do-pai* na organização subjetiva. A função do *Nome-do-pai* (*Nom du Père/Non du Père*) repousa numa homofonia entre nome e não em francês. O nome do pai é a metáfora do não do pai. Como significante, ele nomeia o lugar vazio marcado na simbolização primordial introduzida pela alternância entre presença e ausência materna. Assim, o sujeito se interroga sobre o desejo da mãe e encontra o *Nome-do-pai*, o que o leva a inscrever simbolicamente a falta do outro na lógica fálica. O desejo da mãe, por sua vez, é elevado à categoria de significante e deve ser recalçado. (SANTOS; OLIVEIRA, 2012, p. 78)

A resposta subjetiva resultante do processo de instauração da lei simbólica, isto é, a presença ou ausência do *Nome-do-pai*, é o que nos levaria as outras três grandes estruturas, das quais Lacan se ocupa e em que todos nós, sujeitos, iremos nos encaixar, são elas: *psicose*, *neurose* e *perversão*. Nosso processo de inserção em uma dessas categorias ocorre ainda na infância e, uma vez determinado, não podemos modificá-lo e, além do mais, cada um de nós estará inserido somente em uma dessas estruturas.

No que se refere à *psicose*, o termo *foraclusão* ou *forclusão*, desenvolvido por Lacan, lhe constitui característica importante: o sujeito encontra fora tudo o que não lhe convém procurar dentro, isto é, as causas de queixa estão sempre no externo, não no interno. Nas palavras de Campos (200-), “a posição do psicótico é narcísica, ele não entra no que se convencionou chamar relação de objeto. O objeto que com ele se funde e se confunde permanece sendo a mãe, e ele o seu falo.” (p.3).

De forma distinta à *psicose*, a *neurose* é permeada pelo recalque. O sujeito neurótico priva a si mesmo e aos demais do conteúdo problemático, ou seja, recalca o objeto de sofrimento a ponto de padecer pelo que se vê incapaz de formular:

A questão do neurótico é diferente: refere-se ao Outro, o Pai, como aquele que substitui o *Outro-mãe* e está para além dela e dele próprio. Não sendo *Lei*, contudo a representa na relação *código-mensagem*. Trata-se do sujeito barrado, submetido ao Outro, fala através dos sintomas que se diversificam em direção do desejo próprio. (CAMPOS, 200-, p. 4)

Por fim, a *perversão* traz como princípio a *denegação*, a recusa em aceitar como verdade um determinado sintoma (dor e problema, por exemplo), o que abre espaço ao *fetichismo*, que lhe é característico:

Já o perverso elege o falo como existindo de fato no corpo da mãe, como ocorre com relação ao objeto fetiche. Ele se coloca acima da *Lei*. Permanece em nível de gozo e não ascende ao desejo. Seu mecanismo é o da recusa. Em nível de estrutura, os perversos são julgados eticamente, considerados mau caráter e delinquentes. Isentos de culpa denunciam as distorções do Ideal do eu e as dissonâncias do eu ideal. (CAMPOS, 200-, p. 5)

Com respeito a leitura de nosso objeto, *Brief an den Vater* [carta ao pai], o conteúdo em questão, relação paternal, é permeado por conflitos que nos são apresentados quase como irremediáveis. A figura do pai ocupa o centro das insatisfações do filho, quem se vê como vítima de seu comportamento totalitário e atribui a isso responsabilidade por todos os seus fracassos pessoais:

Ich wäre glücklich gewesen, Dich als Freund, als Chef, als Onkel, als Großvater, ja selbst (wenn auch schon zögernder) als Schwiegervater zu haben. Nur eben als Vater warst Du zu stark für mich, besonders da

meine Brüder klein starben, die Schwestern erst lange nachher kamen, ich also den ersten Stoß ganz allein aushalten mußte, dazu war ich viel zu schwach. (KAFKA, 2005, p.19)⁴

O autor se coloca, nesse sentido, sujeito Édipo do tipo neurótico, em que o pai bem-amado passa a ser objeto de desafio e é declarado culpado:

Daß Du mich direkt und mit ausdrücklichen Schimpfwörtern beschimpft hättest, kann ich mich nicht erinnern. Es war auch nicht nötig, Du hattest so viele andere Mittel, auch flogen im Gespräch zu Hause und besonders im Geschäft die Schimpfwörter rings um mich in solchen Mengen auf andere nieder, daß ich als kleiner Junge manchmal davon fast betäubt war und keinen Grund hatte, sie nicht auch auf mich zu beziehen, denn die Leute, die Du beschimpftest, waren gewiß nicht schlechter als ich, und Du warst gewiß mit ihnen nicht unzufriedener als mit mir. (KAFKA, 2005, p. 6)⁵

De acordo com Chaves (2018), a presença do Nome-do-Pai na estrutura da neurose, recalçamento e deslocamento da representação da vivência da castração simbólica no inconsciente é o que resulta na conversão do afeto em angústia e pode resultar em:

[...] fobias [como nas fobias típicas], e/ou fenômenos somáticos, e/ou somatizações, [como na histeria], e/ou ideias compulsivas, dúvidas obsecantes, remorsos persistentes, agressividade, ambivalência, medos, formações reativas e mecanismos ritualísticos de fazer/desfazer [como na neurose obsessiva]. Tudo isso presente na formação dos sintomas, em que o sujeito “escolhe” se submeter à Lei do Pai. Nas histerias, os efeitos da castração (falta) e da formação dos sintomas se revelam, preferencialmente, no corpo. (CHAVES, 2018, p.59-60)

⁴ *Eu teria sido feliz por ter a ti como amigo, como chefe, como tio, como avô, até mesmo (embora já mais hesitante) como sogro. Mas justamente como pai tu foste demasiado forte para mim, sobretudo porque meus irmãos morreram ainda pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar por inteiro e sozinho o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais. [Tradução de Marcelo Backes]*

⁵ *De teres me insultado diretamente e com palavras implícitas, eu não consigo me lembrar. Também não era necessário, tu dispunhas de vários outros meios nas conversas em casa e, especialmente na loja, os palavras voavam para cima das outras pessoas ao meu redor em tal quantidade que quando era garoto eu ficava quase anestesiado e não tinha motivo algum para não relacioná-los também a mim, pois as pessoas que insultavas por certo não eram piores do que eu, e sem dúvida tu não estavas muito mais insatisfeito com elas do que comigo. [Tradução de Marcelo Backes]*

Deleuze e Guatarri (2003) apontam, porém, para uma outra perspectiva. Os autores defendem que, ao escrever a Carta ao Pai, Kafka comete um “deslize perverso”, que o tira da condição de *Édipo neurótico* e o torna um *Édipo perverso*:

Contudo, o interesse da carta situa-se num certo deslize; Kafka passa de um Édipo de tipo neurótico em que o pai bem-amado é odiado, acusado, declarado culpado, a um Édipo muito mais perverso, que cai na hipótese da inocência do pai, de uma «aflição» comum ao pai e ao filho, mas para dar lugar a uma acusação de grau n, a uma injúria tanto mais forte que se torna indeterminável e ilimitada (como o «adiamento» do Processo) através duma série de interpretações paranoicas. (DELEUZE; GUATTARI, 2003 p. 28-29)

O *Édipo perverso* deriva da resistência ao corte simbólico, o qual é aplicado pela *Lei* do pai. Sua denegação situa o sujeito-autor na esfera de projetar no masculino o caráter de afeto que teria relação com o feminino, em outras palavras, Kafka amplia a fotografia do pai, enquanto forma de expressão, até o absurdo a fim de sinalizá-la como objeto de falta incessável. Ainda em Deleuze e Guatarri (2003), percebemos que “ampliar Édipo já é sair da submissão” (p. 30), opor-se ao recalque que seria previsto pela *neurose*, assim como propõe “desterritorizar Édipo no mundo em vez de reterritorializar sobre Édipo e na família.” (p. 30).

Referências/Quelle

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 137-164. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

CAMPOS, Dulce. **O Édipo e as estruturas clínicas:** no seminário 5 de lacan. no Seminário 5 de Lacan. 200-. Disponível em: http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DCDantas/Dcampos_edipo_estr_clin_upld.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

CHAVES, Messias Eustáquio. Estruturas clínicas em Psicanálise: um recorte. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 76, n. 40, p. 55-62, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php/script_sci_serial/pid_0102-7395/Ing_pt/nrm_iso. Acesso em: 18 jun. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: para uma literatura menor. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. Tradução de Rafael Godinho.

FOUCAULT, Michel. **Problematização do sujeito**: psicologia, psiquiatria e psicanális. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro.

KAFKA, Franz. **Carta ao Pai**. Porto Alegre: L&pm, 2019. Tradução de Marcelo Backes..

KAFKA, Franz. **Brief an den Vater**. 2005. Disponível em: www.digbib.org/Franz_Kafka_1883/Brief_an_den_Vater. Acesso em: 10 maio 2020.

MÜLLER, Herta. **Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012. Tradução de Claudia Abelig.

PSICANÁLISE CLÍNICA (Campinas). **Psicose, neurose e perversão**: estruturas psicanalíticas. estruturas psicanalíticas. Disponível em: www.psicanaliseclinica.com/psicose-neurose-e-perversao. Acesso em: 19 jun. 2020.

SANTOS, Tania Coelho dos; OLIVEIRA, Flávia Lana Garcia de. Teoria e Clínica Psicanalítica da Psicose em Freud e Lacan. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 1, n. 17, p. 73-82, mar. 2012. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/index>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de hamlet. **Psicologia Usp**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 135-155, jun. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642006000200007>.